

A TOPONÍMIA DA REGIÃO CENTRAL DE MINAS GERAIS

The Toponymy of Central Region of Minas Gerais

*Patrícia de Cássia Gomes Pimentel**

RESUMO: Este artigo visa à descrição dos principais aspectos teórico-metodológicos da dissertação em desenvolvimento, A Toponímia da Região Central de Minas Gerais, que tem por objetivo a caracterização e a análise do léxico toponímico da região Central Mineira. Fundamentando-se em pesquisa que vem sendo realizada a partir do Banco de Dados do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (FALE/UFMG), Projeto este coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, o estudo dos nomes de lugares dessa região tem por finalidade demonstrar um pouco das contribuições linguístico-culturais para a formação toponímica do estado de Minas Gerais. A partir da análise dos topônimos de origem indígena e africana, investigaremos os 4069 (quatro mil e sessenta e nove) nomes de lugares que integram toda essa área territorial. Para tanto, adotamos como referencial teórico o modelo toponímico de DAUZAT (1926) e DICK (1990).

Palavras-chave: Africanismo; Indigenismo; Toponímia; Léxico; Minas Gerais.

ABSTRACT: This paper aims to describe the main theoretical and methodological aspects of the Master's thesis in development, The Toponymy of Central Region of Minas Gerais, which goals are the characterization and the analysis of the toponimic lexicon of the Mineira Central Region. Being part of the Minas Gerais State Toponimic Atlas – ATEMIG, which our corpus came from and which is coordinated by Prof. Doctor Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, the study of the toponimic lexicon of that area is intended to show a bit of linguistic and cultural contributions to the toponimic formation of Minas Gerais state. From the analysis of indigenous and African toponyms, we will investigate 4069 (four thousand and sixty-nine) names that integrate all this land area. Therefore, this study followed the references proposed by DAUZAT (1926) and DICK (1990).

Keywords: Africanism; Indigenism; Toponymy; Lexicon; Minas Gerais state.

* Mestranda e Secretária Executiva da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; patriciacgp@ufmg.br

Introdução

Desde épocas remotas, o homem nomeia os lugares por onde passa, facilitando, assim, a sua identificação e o seu deslocamento. Seja para nomear um universo recém-constituído, como encontramos na Bíblia, no livro do Gênesis, ou para descrever as características de um determinado ambiente, como no caso das denominações de origem indígena, o fato é que este saber fazer denominativo ultrapassa o caráter meramente nomenclatório.

Saber científico de caráter onomasiológico, a *Toponímia* é definida, como propôs Leite de Vasconcelos, como o estudo dos nomes próprios de lugares (DICK, 2006). Caracteriza-se, assim, como disciplina investigativa do léxico toponímico, estudo que se realiza por meio da busca pelo conhecimento do significado e da motivação do nome de lugar.

À medida que resgata as intenções do homem no ato da nomeação do ambiente ao qual pertence, o estudo toponímico se reveste de grande importância, ao propor uma volta ao passado, visando ao preenchimento do possível esvaziamento semântico que se configurou em decorrência da passagem do tempo.

Em outras palavras, isto quer dizer que a toponímia conjugada com a história é capaz de indicar os movimentos dos povos, como migrações e colonizações, além das regiões onde determinado grupo linguístico deixou seus traços (DAUZAT, 1926).

1 A Onomástica: Antroponímia e Toponímia

Parte integrante da Lexicologia, a Onomástica é o ramo das ciências linguísticas que se caracteriza pelo ato de nomear/dar nome (nomes próprios) aos lugares e às pessoas. Sua origem remonta às primeiras especulações filosóficas sobre o nome, sendo que no Ocidente a distinção entre nome comum e nome próprio foi primeiramente elaborada por Dionísio de Trácia, primeiro gramático grego (RAMOS *et al*, *apud* CARVALHO, 2014).

A Onomástica tem como objeto de estudo duas áreas específicas: a *Antroponímia* e a *Toponímia*. Ambas têm como objetivo o estudo dos nomes próprios em geral, sendo que esta visa o estudo da motivação dos nomes de lugares, sua origem e evolução, bem como dos nomes de cidades e de localidades, sejam eles de natureza

física ou antropocultural, enquanto aquela se ocupa do estudo dos nomes próprios individuais – os sobrenomes e apelidos. Segundo Dick:

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar de base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais de solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida, o pensamento de cada indivíduo. Entre os mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões étnicos, a forma de organização política e a arte. (DICK, 1990b, p. 35.)

Ainda segundo essa mesma autora, tanto a Antroponímia quanto a Toponímia devem ser reconhecidas como formas importantes de investigação linguística e cultural, uma vez que ambas são responsáveis por conservar, cada uma à sua maneira, a memória, os momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem (DICK, 1999).

O linguista francês Albert Dauzat e o português Leite de Vasconcelos são considerados pioneiros nos estudos onomásticos. O primeiro buscou sistematizar os estudos nessa área, a partir de sua pesquisa voltada para a Toponímia Francesa. Já o segundo, concentrou os seus estudos na Antroponímia, mais especificamente sobre os nomes próprios de pessoas de origem portuguesa.

No Brasil, os estudos toponímicos se destacaram com as pesquisas iniciadas por Carlos Drumond, pesquisador da Universidade de São Paulo (USP), a partir 1965, o qual se dedicou à Toponímia Indígena, e posteriormente por Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick que, seguindo as orientações de Dauzat e Drumond, deu seguimento à pesquisa de Drumond, além de se dedicar à Toponímia Brasileira. Uma de suas maiores contribuições no ramo da Toponímia foi o Sistema Toponímico Taxionômico, o qual se encontra estruturado em vinte e nove taxes explicativas.

1.1 A Toponímia

Apesar de nomearem signos distintos, *pessoa* e *lugar*, respectivamente, a Toponímia e a Antroponímia podem ser entendidas como “duas faces de um mesmo rosto maior ou corpo maior, a Onomástica, cujo objeto de trabalho é o nome próprio genericamente considerado, a partir da definição do onoma” (DICK *apud* CARVALHO 2014, p. 48). É dizer, ambas se encontram inseridas em um plano maior conhecido como *onoma* e apresentam uma área de interseção: $T \cap A$.

A Toponímia, também conhecida como ciência dos nomes de lugares e sobre a qual voltaremos nosso olhar nesta pesquisa, é reveladora de aspectos histórico-culturais, uma vez que possibilita o reconhecimento de remanescentes linguísticos, ideológicos e culturais de um povo (DAUZAT, 1951). Ou seja, no processo denominativo, esse estudo extrapola a expressão meramente linguística atribuída aos nomes próprios, ao recuperar aspectos importantes da história de uma língua, de uma cultura, de uma comunidade.

Além de evidenciar importantes questões a respeito da história e da cultura de um povo, Seabra (2004, p. 18) aponta que os topônimos também apresentam “função conservadora das tradições e dos costumes de uma comunidade na medida em que se utilizam de sua cultura linguística para nomear acidentes geográficos”.

Assim, o topônimo pode ser entendido como um signo linguístico com características próprias, capaz de trazer à luz a realidade de uma determinada região, expondo características ambientais e sociais, mesmo quando a motivação toponímica, ocorrida no ato denominativo, já se faz extinta. Percebe-se, desta forma, o grande valor linguístico e sociocultural do topônimo.

E é a partir de estudos toponímicos, como os realizados pelo Projeto ATEMIG, o qual tem como objeto de estudo o levantamento e a análise da realidade toponímica que abrange todo o território mineiro, que se torna possível identificar as formas linguísticas deixadas por povos que habitaram determinada região em épocas remotas, uma vez que elas se encontram cristalizadas nos topônimos.

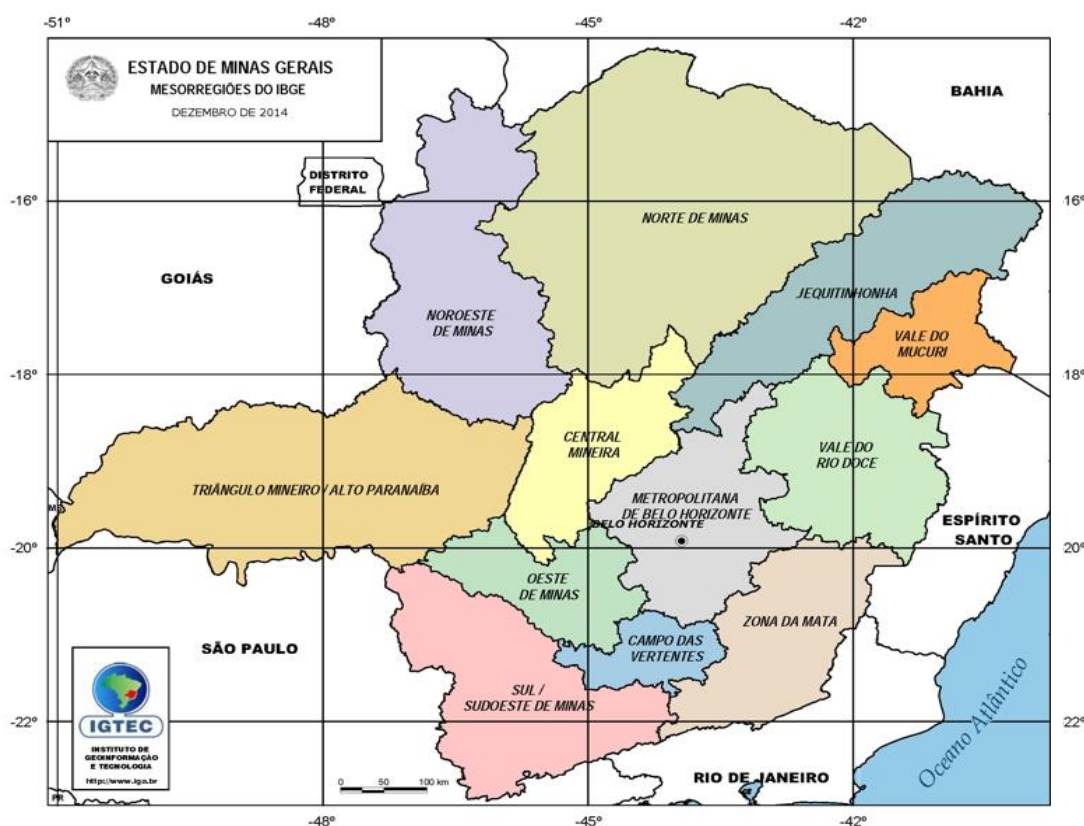
2 Objeto de estudo

O objeto de estudo da pesquisa em desenvolvimento são os nomes de lugares da região Central de Minas Gerais, sua descrição e análise. Fundamentando-se em pesquisa que vem sendo realizada a partir do Banco de Dados do Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (FALE/UFMG), Projeto este coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, o estudo toponímico dessa região tem por finalidade demonstrar um pouco das contribuições linguístico-culturais para a formação toponímica do estado de Minas Gerais, o qual se formou a partir de uma etnia diversificada, composta por estratos populacionais diversos, como os ameríndios,

distribuídos em vários troncos e famílias; os portugueses; os africanos. Por essas razões, a nomenclatura geográfica do território mineiro se apresenta tão heterogênea quanto o seu próprio povo, fato este que se reflete na língua, nos usos e costumes regionais e, conseqüentemente, na toponímia local.

De acordo com a divisão proposta pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o referido estado se divide em 12 mesorregiões e 66 microrregiões, abrangendo um total de 853 municípios. Conforme apresentação na Figura 1, as mesorregiões estabelecidas para Minas Gerais são: Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Rio Doce, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata.

Fig. 1 – Mesorregiões do Estado de Minas Gerais.



Fonte: Governo do Estado de Minas Gerais – Mesorregiões e microrregiões.

A mesorregião Central Mineira é formada pela junção de trinta municípios que se encontram divididos em três microrregiões: Três Marias, Curvelo e Bom Despacho. Trata-se de uma região marcada por grande concentração populacional decorrente do

número de investimentos e do efeito polarizador oriundos da região Metropolitana de Belo Horizonte, tendo se desenvolvido, principalmente, em decorrência da produção aurífera e cafeeira verificada nos séculos anteriores.

Cada uma dessas microrregiões é formada por uma quantidade ímpar de municípios. A microrregião de Três Marias é composta pelos municípios de Abaeté, Biquinhas, Cedro de Abaeté, Morada Nova de Minas, Paineiras, Pompéu e Três Marias. Já a microrregião de Curvelo é formada pelos municípios de Augusto de Lima, Buenópolis, Corinto, Curvelo, Felixlândia, Inimutaba, Joaquim Felício, Monjolos, Morro da Garça, Presidente Juscelino e Santo Hipólito. Por fim, a microrregião de Bom Despacho é constituída pelos seguintes municípios: Araújos, Bom Despacho, Dores do Indaiá, Estrela do Indaiá, Japaraíba, Lagoa da Prata, Leandro Ferreira, Luz, Martinho Campos, Moema, Quartel Geral e Serra da Saudade.

3 Constituição do *corpus*

Os dados que formam o *corpus* da pesquisa em desenvolvimento são provenientes do banco de dados do Projeto ATEMIG, do qual foram extraídos os nomes de lugares de origem indígena e africana identificados na mesorregião Central Mineira.

Para a realização do estudo toponímico, aplicamos a metodologia usada no Projeto ATEMIG, no qual vem sendo realizados os seguintes procedimentos:

- a) Coleta de dados: os nomes de lugares foram levantados das cartas municipais do IBGE com escalas de 1: 50.000, 1: 100.000 e 1: 250.000;
- b) Categorização e análise prévia dos dados: os topônimos são registrados em tabelas, nas quais são especificados o tipo de acidente geográfico, a origem etimológica do nome e a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, propostos por DICK (1990);
- c) Catalogação dos dados em fichas lexicográficas: registro dos topônimos em fichas lexicográficas, conforme modelo sugerido por DICK (2004), de todos os topônimos.

Salienta-se que as etapas referidas nos itens *a* e *b* foram cumpridas pelo Projeto ATEMIG. Já a elaboração e o preenchimento das fichas lexicográficas com vocábulos de origem africana e de origem indígena foram realizados durante a pesquisa, ainda em desenvolvimento, seguindo o padrão metodológico proposto pelo referido Projeto.

As fichas são um conjunto estruturado de informações sobre os topônimos em estudo e possibilitam melhor sistematização e análise do *corpus* (SEABRA, 2004). Nelas, apresentamos:

Topônimo: registro do nome de lugar de origem africana ou indígena proveniente do banco de dados do Projeto ATEMIG;

Taxionomia: categorização taxionômica conforme o modelo de classificação toponímica proposto por Dick (1990), no qual há onze taxionomias de natureza física (astrotopônimo, cardinotopônimo, cromotopônimo, dimensiotopônimo, fitotopônimo, geomorfotopônimo, hidrotopônimo, litotopônimo, meteorotopônimo, morfotopônimo, zootopônimo) e dezoito taxionomias de natureza antropocultural (animotopônimo, antropotopônimo, axiotopônimo, corotopônimo, cronotopônimo, dirrematotopônimo, ecotopônimo, ergotopônimo, etnotopônimo, hagiotopônimo, hierotopônimo, historiotopônimo, hodotopônimo, mitotopônimo, numerotopônimo, poliotopônimo, sociotopônimo, somatotopônimo);

Origem: indicação da origem do topônimo, ou seja, se é indígena ou africana;

Estrutura Morfológica: indica a classe gramatical e o gênero;

Registro no Banco de Dados do Projeto ATEMIG: além de quantificar o número de vezes que o topônimo aparece no território mineiro, são indicados também o município e o tipo de acidente (humanos: cidade, vila, povoado, fazenda; e físicos: serra, morro, rio, córrego, cachoeira, riacho, ribeirão);

Informações enciclopédicas: neste campo, encontram-se várias informações sobre o topônimo estudado, as quais embasam a classificação sobre sua origem, sobre sua estrutura morfológica e sobre sua taxionomia.

Apresentamos, a seguir, uma das 160 (cento e sessenta) fichas lexicográficas elaboradas nesta pesquisa para fins de análise dos topônimos em estudo.

Fig. 2 – Ficha lexicográfica.

1. ANGOLA	Taxionomia: Corotopônimo
Mesorregião: Central Mineira	
Microrregião: Três Marias	
Origem: Banto. Do quimbundo <i>Ngóolá</i> > <i>Ángoola</i> > <i>Angola</i> .	
Estrutura Morfológica: Nf	
Ocorrências: 02	

► **Angola** → Nomeia córrego e fazenda no município de Pompéu (microrregião de Três Marias). ▪ 2 ocorrências.

Informações enciclopédicas:

► Do quimbundo *Ngóolá* > *Ángoola* > *Angola*. Refere-se a um “país do sudeste da África, na costa do Atlântico, de povos do grupo linguístico banto, entre os quais se destacaram no Brasil os de fala quimbundo, quicongo e umbundo” (Pessoa de Castro, 2001, p. 153).

Fonte: Dados da pesquisa.

3.1 Apuração e análise dos dados

Foram quantificados, agrupados e enumerados os 4069 (quatro mil e sessenta e nove) topônimos que compõem a região Central Mineira, segundo suas taxas e estruturas morfológicas. Esses dados estão agora sendo registrados em gráficos e em tabelas, a fim de que as análises pretendidas fiquem concentradas somente nos topônimos de origem africana e de origem indígena.

Para a análise linguística desses topônimos, observamos, inicialmente, se a sua base léxica estava registrada como africanismo ou indigenismo em dicionários gerais, morfológicos e etimológicos do português. Em seguida, observamos se esses africanismos e indigenismos eram encontrados em outras obras de estudiosos que tratam especificamente do léxico africano e indígena, como CASTRO (2001) e SAMPAIO (1987), respectivamente.

3.2 Elaboração do glossário

Como última etapa da dissertação, será elaborado um glossário com os termos de origem africana e de origem indígena encontrados na mesorregião Central de Minas Gerais. Segue um modelo de verbete a ser utilizado:

Angola (banto) sf. País da costa ocidental africana, habitado por povos do grupo linguístico banto. Etim.: Quimb. *Ngóolá* > *Ángoola* > *Angola*. ▪ Corotopônimo.

Considerações finais

Conforme já mencionado, a dissertação *A Toponímia da Região Central de Minas Gerais* ainda se encontra em desenvolvimento na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, sob a orientação da Prof^{ra}. Dr^a. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Buscamos com este artigo apresentar e descrever os principais aspectos teórico-metodológicos que estão sendo adotados na pesquisa em questão. Após a análise detalhada do *corpus* em estudo, pretendemos apresentar e discutir, em outro artigo, os resultados obtidos.

Referências

CARVALHO, A. P. M. A. de. *Hagiotoponímia em Minas Gerais*, 2014, 823 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

CASTRO, Y. P. de. *Falares africanos na Bahia* (um vocabulário afro-brasileiro). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.

DAUZAT, A. *Les noms de lieux*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.

_____. *Dictionnaire Étymologique des Noms de Famille et Prénoms de France*. Paris: Larousse, 1951.

DICK, M. V. de P. do A. *A Motivação Toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990a.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

_____. Métodos e Questões Terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: O Atlas Toponímico do Estado de São Paulo. *Investigações Linguísticas e Teoria Literária*. Recife, UFPE: v.9, 1999.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 2004. p.121-130.

_____. Fundamentos teóricos da Toponímia. Estudo de caso: O Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais (variante regional do Atlas Toponímico do Brasil). In: SEABRA, M. C. T. C. de. *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

Governo do Estado de Minas Gerais – *Mesorregiões e microrregiões*. Disponível em: <<https://www.mg.gov.br/governomg/portal/c/governomg/conheca-minas/geografia/5669-localizacao-geografica/69547-mesorregioes-e-microrregioes-ibge/5146/5044>>. Acesso em: 25. set. 2015.

ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. v.6. 2ed. Campo Grande: UFMS, 2012.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, Oxford, Blackwell, 1972.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001.

SAMPAIO, T. *O Tupi na Geografia Nacional*. 5ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

SEABRA, M. C. T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*, 2004, 368 f. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

_____. (org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.